

RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM, IDEOLOGIA E PERSUASÃO: UMA ANÁLISE DO VÍDEO VIRAL DOS ENTREGADORES ANTIFASCISTAS

Camila Arioli Gebara¹

Maria Cristina Palma Mungiol²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações entre linguagem, ideologia e persuasão a partir de autores que se debruçaram sobre a Análise do Discurso e a interface entre educação e comunicação, como Citelli (2001) e Maingueneau (2004). Para isso, foi utilizado um episódio recente que atingiu determinados níveis da mídia brasileira (o vídeo viral de uma das lideranças do movimento de Entregadores Antifascistas em São Paulo), que explicitou os encontros e conflitos que são parte da comunicação mediada por dispositivos comunicacionais virtuais. Resulta dessas reflexões que toda enunciação é um fazer crer que demanda compreensão da mediação dos dispositivos comunicacionais que a integram, em conjunto com uma investigação dos signos como produtos históricos, para análise dos impactos dos discursos e seus níveis de persuasão.

Palavras-chave: *Análise do Discurso; Ideologia; Persuasão; Comunicação; Entregadores.*

INTRODUÇÃO

Paulo Freire tem surgido frequentemente entre as discussões sobre educação no cenário midiático digital do país, muitas provocadas a partir de pronunciamentos de figuras

¹ Estudante de Graduação do 2º semestre do Curso de Licenciatura em Educomunicação da ECA- USP, e-mail: camilla.gebara@usp.br

² Orientadora do trabalho. Professora Doutora Maria Cristina Palma Mungiol do Curso de Licenciatura em Educomunicação da ECA-USP, e-mail: crismungiol@usp.br

políticas³. O educador, que nunca se pretendeu unânime, tem sua trajetória marcada por diversos ataques, tendo sido necessário até mesmo exilar-se durante o período da Ditadura Militar iniciada em 1964 no Brasil, retornando ao país na década de 80, com o desejo de reaprendê-lo (GADOTTI, 1996) e assumindo um cargo público na prefeitura de São Paulo. Atualmente suas obras ainda são vistas com verdadeiro ódio por diversos grupos, como o Movimento Escola Sem Partido, criado em 2004 que se coloca contrário ao que chamam de doutrinação ideológica nas escolas (OLIVEIRA; MARIZ, 2018) e os grupos que entendem que há uma ideologia de gênero nas escolas a partir da inclusão de questões de gênero e sexualidade nos planos de educação em 2015 (BORGES; BORGES, 2018), ambos alinhados à direita política. Apesar destes fatos, o educador possui um amplo reconhecimento internacional, aspecto importante da dimensão de sua obra que é pensada como um produto existencial e histórico por Gadotti (1997, p.157) um de seus mais importantes biógrafos. Equiparada com a produção de alguns dos grandes pensadores da Educação como Vygotsky, Piaget e Dewey, sua obra adquiriu sentidos universais, estabeleceu-se como um marco teórico e tem seu legado pensado e reinventado pela aplicação em várias instituições de ensino e pesquisa ao redor do mundo. No Brasil ganha especial destaque o Instituto Paulo Freire e também as Cátedras Paulo Freire.

Os ataques⁴ a Freire tornam ainda mais factual seu pensamento (FREIRE, 1997), que compreende que linguagem e ideologia não se separam, do mesmo modo, não existe opção neutra na Educação. Todo discurso constitui-se como um produto social da enunciação que, por sua vez, possui historicidade. Isso implica que toda ação de estabelecer um discurso não é banal, uma vez que o discurso é um posicionamento social. Para compreender essa proposição, é necessário esmiuçar o discurso, tanto em sua organização linguística quanto em sua historicidade e o plano de expressão em que se materializa, como propõe Citelli (2001), ao detalhar as relações entre signo e persuasão.

Diversas teorias foram elaboradas para estudar o discurso, como a Retórica Antiga, a Semiótica, Análise do Discurso e a Linguística. O reconhecido pesquisador e linguista José Luiz Fiorin argumenta em entrevista a Figaro (2010) como considera todas

³ BOLSONARO chama Paulo Freire de 'energúmeno' e diz que TV Escola 'deseduca'. **G1**, Brasília, 16 dez. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/16/bolsonaro-chama-paulo-freire-de-energumeno-e-diz-que-tv-escola-deseduca.ghtml>>. Acesso em 14 de set. 2020.

⁴ CDH rejeita sugestão de retirar de Paulo Freire o título de Patrono da Educação. **Senado Notícias**, Brasília, 14 dez. 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2017/12/cdh-rejeita-sugestao-de-retirar-de-paulo-freire-o-titulo-de-patrono-da-educacao>>. Acesso em: 14 Set. 2020.

importantes, uma vez que nenhuma responde totalmente a todas as questões. No campo científico cada teoria responde a uma pergunta, o que implica ser necessária a mobilização de variadas teorias para compreender algum fenômeno. Esse aspecto é extremamente positivo quando pensamos que é na pluralidade de entendimentos e até mesmo nas contradições que encontramos um terreno fecundo para o aprendizado.

Para promover o entendimento a respeito da natureza do discurso persuasivo, Citelli (2001) retoma os conceitos elementares do signo. Através de seus anseios e das circunstâncias históricas, os indivíduos foram apresentados à necessidade de nomear o mundo, necessidade esta que foi mediatizada através do signo, de caráter arbitrário, convencionado socialmente e simbólico.

É a modulação do signo que determina como se dará o discurso, inclusive seu grau de persuasão. Por extensão, não é possível afastar a compreensão das ideias e sentidos presentes em um discurso do modo como foi construído, isto é, da natureza dos signos que o constituem. Desse modo, quando pensamos nos recursos retóricos de um discurso, tais como a metáfora e a verossimilhança, a escolha por utilizá-los não é vazia, mas denota um compromisso com algum sentido proposto, ainda que, por diversas vezes, esse sentido não seja totalmente compreendido em seus detalhes por quem propaga esse discurso (o que se relaciona com o fato de todo discurso persuasivo ser sempre uma expressão institucional).

Nesse ponto, Paulo Freire oferece importante contribuição para este texto ao alertar que neutralidade é um mito e que os discursos que se promovem como imparciais possivelmente estão a esconder sua opção. Essa questão precisa ser observada com cuidado para não incidir em tomar todo discurso como intencionalmente prejudicial, a fim de não imbricar nas teorias conspiracionistas, que estão tomando um corpo problemático no cenário atual sobretudo em relação às mídias, especialmente se analisarmos a situação atual brasileira. De fato, se a questão sobre os discursos midiáticos no Brasil fosse puramente conspiracional possivelmente seria mais simples de ser pensada. O que se tem é a proteção do lugar de onde se fala (FIGARO, 2010), processo bem mais complexo que envolve desde o estudo da linguagem ao entendimento que a própria circulação dos discursos está submetida a relações de poder.

Compreender a relação entre a natureza do signo e a ideologia do discurso implica entender que o signo só pode ser pensado contextualmente, pois se desenvolve através das organizações sociais e mais, que é preciso considerar o signo sempre em sua relação com outros signos, o que produz diferenciação. Em entrevista a Figaro (2010), Fiorin oferece

um exemplo interessante para a questão. O linguista cita que, quando ainda existia a União Soviética, quem falasse que a teoria semiótica ali produzida era uma teoria russa seria entendido como um sujeito de direita. Já quem falasse em teoria da semiótica soviética, seria entendido como alguém que estivesse mais alinhado ao discurso da esquerda. O exemplo explica como as palavras “soviética” e “russa” no contexto implicavam compreender a posição social do enunciador, tomando como base se ele entendia que a teoria semiótica era produzida a partir de um território comunista ou se negava esse mesmo território e sua produção. O conjunto de signos escolhidos para mediatizar a comunicação é a possibilidade de entender a consciência da qual se expressa o sujeito.

PAULO GALO, ENTREGADORES ANTIFASCISTAS

Nessa trajetória que os signos percorrem pelas ideologias ao longo do tempo, observa-se que alguns termos parecem envelhecer mal. É o caso da palavra “capitalismo”, como bem explica Citelli (2001). Para não tornar o clima demasiado pesado em alguns telejornais matinais, os termos que estão no bojo da palavra capitalismo são deslocados em eufemismos, jogos de mistificação que estão a serviço de determinados propósitos. Escrito em 1985, o pensamento no livro de Citelli é atualíssimo e pode ser observado, por exemplo, no recente uso que palavras como “empreendedor” e “empreendedorismo” têm adquirido. Os discursos que exaltam o empreendedor dizem respeito a uma figura reflexo da precarização dos direitos trabalhistas que têm em sua composição a busca pela gestão de sua sobrevivência falseada. A partir de quando o sujeito empreende, diante de um cenário de desemprego e precarização, também o Estado se exime de implantar políticas públicas de emprego e renda. A escolha em trocar certas designações, como a substituição de “trabalhador informal” para “empreendedor”, apesar de descrever o mesmo cenário, faz parte de um jogo retórico que será componente importante para persuasão do discurso, que suscitará reações emocionais. Essa questão fica ainda mais clara com um exemplo que aconteceu nas manifestações a favor da democracia e contra o governo Bolsonaro, em 7 de junho de 2020 em São Paulo e em outras capitais brasileiras. Um grupo de entregadores organizados protagonizou um momento que evidencia como o termo empreendedor falseia um contexto de relações de trabalho precarizadas. Paulo Galo Lima, entregador que viralizou com vídeo em que denuncia empresas de aplicativos de entrega, fala em determinado momento da gravação: “Ninguém aqui é empreendedor de porra nenhuma. Nois é força de trabalho nessa porra”. O exemplo revela que, como acontece com o uso do

termo capitalismo citado por Citelli (2001), a alteração não é banal mas se relaciona com um pensamento que tem individualizado os efeitos do desemprego e do contexto de trabalho informal que atinge a maior parte dos jovens nas economias neoliberais do sul do mundo. Citelli (2001, p. 31) explica: “A alteração lexical não é apenas parte de um natural processo sinonímico, mas o desejo de dourar uma pílula cujo desgaste se tornou evidente”.

Figura 1 – Entregadores Antifascistas em Manifestação Pela Democracia



Fonte: Vídeo produzido por Felipe Larozza⁵

Um fragmento de um discurso, como no exemplo de Paulo, é parte de uma interlocução entre vários discursos, inclusive de diferentes períodos históricos. Em sua fala, ao citar sua força de trabalho, Paulo dialoga com um discurso que remonta o pensamento marxista do século XIX, por exemplo. Baccega (2002) explica esse processo ao destacar que toda enunciação, seja de uma voz ou de um meio comunicacional, se estabelece sempre através de um diálogo com a cultura, com referências culturais. No campo da comunicação, as referências culturais irão mediar o diálogo entre o grupo de entregadores, são elas que balizam a fala de Paulo para os outros entregadores, produzindo sentidos mais próximos ou mais distantes do que Paulo intencionou em seu discurso.

⁵ Disponível em: <https://twitter.com/felipe_larozza/status/1269792351435862016>. Acesso em: 5 Out. de 2020.

No vídeo, outra enunciação se destaca através de um cartaz segurado por um dos entregadores, cujo nome não é possível identificar na filmagem. O cartaz traz em letras grandes: “Vidas Pretas Importam”. O vídeo é composto por 8 entregadores em sua maioria negros, eles estão em suas bicicletas carregando as grandes mochilas de entrega, todas são da cor vermelha ou laranja que são símbolo das empresas Ifood, fundada no Brasil em 2011 e Rappi, fundada em 2015 na Colômbia, respectivamente. De acordo com o Sindicato dos Mensageiros Motociclistas, Ciclistas e Mototaxistas Intermunicipal do Estado de São Paulo, o número de entregadores na capital paulista e na Grande São Paulo aumentou em 20% desde o início da pandemia de Covid-19, anunciada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020. Desde então, a medida mais recomendada por pesquisadores, cientistas e organizações de saúde tem sido um amplo isolamento social, o que provocou rápido crescimento do uso de aplicativos de entrega. Avaliando este aumento do número de entregadores, a demanda por melhores condições de trabalho, a marginalização racial⁶ que atravessa os trabalhadores do país e o cenário que o vídeo nos oferece, o cartaz levantado está articulado com diversos outros discursos que circulam pela sociedade brasileira e internacional, uma vez que também faz referência ao movimento *Black Lives Matter*, fundado em 2013 nos Estados Unidos e que, no ano de 2020, realizou inúmeros protestos pedindo justiça pela morte de George Floyd, assassinado por estrangulamento por policiais em maio deste ano na cidade de Mineápolis, estado do Minnesota. O cartaz, portanto, é um enunciado que desvela o discurso racista que é institucional e estrutural no país e age ativamente sobre os trabalhadores negros, tornando-os a força de trabalho, como sustenta Paulo, mais marginalizada do país.

Esse trajeto percorrido pelo discurso, portanto, não demonstra ser linear, isto é, não se organiza partindo de um emissor e seu sentido, que será transmitido por um meio para, posteriormente, encontrar seu destinatário da maneira exata como produziu seu emissor. Todos os processos envolvidos condicionam e mediam os significados que possuirão um grau maior ou menor de persuasão entre os participantes.

Citelli (2001) descreve como os processos históricos forjam os signos, transformando seu sentido inicial para funcionarem como vetores de transmissão de ideologias. Na fala de Paulo, aparece uma frase que é comum em muitas discussões

⁶ DESIGUALDADES Sociais por Cor ou Raça no Brasil. IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 25 Set 2020.

políticas nas redes sociais digitais e imediatamente desvela seus enunciadores. Logo no início do vídeo, ao falar sobre a dificuldade que enfrentou em reunir outros entregadores para denunciar as condições de trabalho dos aplicativos, Paulo diz: “O tanto de companheiro que é igual a mim que me manda pra Cuba”. A ilha, que é um Estado socialista desde 1959, aparece em discussões nas redes sociais digitais com contornos de acusação, pois descreve um suposto desagradável destino aos que se alinham a um discurso socialista, ficando subentendido que as hipotéticas condições econômicas, políticas e culturais do país são ao mesmo tempo produto e castigo dos esquerdistas, isto é, dos sujeitos da esquerda política. As muitas questões históricas do país dificilmente chegam aos debates sem ser através destas acusações, de modo que mandar alguém pra Cuba acabou por tornar-se uma maledicência e seu uso logo determina as direções que o discurso irá tomar. Como argumenta Citelli (2001), neste caso é difícil saber onde termina o país e onde começa o signo na palavra, cujo sentido se tornou conotativo. Este processo ocorre porque o signo nasce e se desenvolve nas organizações sociais e é através dos embates entre signos que também se expressam as consciências, cuja formação individual está estreitamente relacionada aos significados adquiridos pelos signos. Ainda sobre a fala de Paulo, é interessante observar que ele explicita com pesar que ela é dita entre “companheiros”, isto é, o tom de acusação tem seu sentido tensionado quando os enunciadores ocupam um lugar correlativo na sociedade. Essa tensão ainda funciona para desconstruir a própria acusação, que não se mostra mais válida quando os participantes da comunicação possuem diversas condições sociais em comum, ao ponto de serem entendidos como “companheiros”, e que a acusação parece se sustentar justamente na diferenciação, na hierarquia entre os enunciadores. Este episódio demonstra que o entendimento da formação do signo em meio as ideologias dos grupos sociais tem potencial para explicar a natureza dos conflitos entre mesmos grupos que, nesse caso, trazem à tona a necessária desigualdade entre os interlocutores para que o fato de determinar que alguém more em um país socialista se torne, de fato, uma maledicência.

Na fala de Paulo, o que se destaca é o fato de ser, como ele mesmo diz, direcionada a outros entregadores em uma chamada para se juntar àqueles que estão denunciando as precariedades das empresas de aplicativos de entrega. Este fato implica compreender que há uma necessidade de cooperação no ato de exprimir o discurso, que se sustenta na existência de convenções que precisam ser mutuamente aceitas para que o discurso atinja os impactos desejados. Portanto, o uso de vocativos como “companheiro” e a identificação

de um pensamento mútuo, o sentimento antifascista, como denominado por Paulo, servem como ferramentas de reconhecimento que posicionam os interlocutores em um mesmo lugar, que seria um ponto de partido comum para a chamada à ação organização da classe. Este fenômeno explicita que o discurso pretende elaborar uma organização social situada para além da frase, pois o discurso tem a intenção de “mobilizar estruturas de uma outra ordem que a da frase” (MAINGUENEAU, 2004, p. 52).

É possível pensarmos que a fala do vídeo aqui citado possui um teor político no sentido de questionar sobre como decisões dos grupos de poder da sociedade, isto é, das grandes empresas de entregas, estão ativamente precarizando as relações de trabalho dos entregadores, na visão de Paulo. O fato de o vídeo ter sido postado no Twitter e replicado milhões de vezes para diversos usuários também é um fator fundamental para se entender como as mídias digitais mediam a comunicação e atuam em seu grau de persuasão de maneiras particulares, sobretudo atreladas à lógica dos algoritmos ativamente influenciam a circulação dos conteúdos entre seus usuários. Uma fala política que acaba por viralizar através de uma postagem em uma rede social adquire contornos diferentes de falas políticas que tomavam os rádios na década de 50, é possível que a fala de um trabalhador como Paulo não fosse sequer considerada política há décadas atrás, mediante outros dispositivos comunicacionais. Isso mostra o quão é necessário que uma análise sobre os impactos do discurso considere fundamentalmente os dispositivos comunicacionais que a integram, juntamente com os signos e significados produzidos na fala. Portanto, a postagem em vídeo replicada para milhões de pessoas, demanda que seu dispositivo comunicacional, isto é, todos os elementos que envolvem um dado processo comunicativo, sejam considerados para entender o quanto a aparência física, o tom de voz, o ambiente, os signos dos sujeitos envolvidos e do enunciado se entrelaçam formando uma discurso que percorreu tantos caminhos chegando a uma enorme quantidade de usuários da rede e os diferentes sentidos que todos esses elementos podem produzir. Nesse sentido, Baccega (2001) destaca a importância da análise de alguns marcadores que atuam na mediação no processo de comunicação, como “o gênero, a etnia, a faixa etária, a religião, entre outros, e sobretudo a classe”.

Sobre essa questão, Maingueneau (2004), explica o impacto do mídiuim sobre o discurso ao pensar na transição do uso do rádio para a televisão:

Mais tarde, o surgimento da televisão vai provocar uma nova transformação no exercício do discurso político, reduzir a importância da exposição de ideias, privilegiando os debates onde importa, antes de tudo, conquistar a simpatia dos telespectadores. Não podemos dizer que, com esses diferentes mídiuns, estejamos lidando com o mesmo gênero de discurso: as modificações das condições “materiais” da comunicação política transformaram radicalmente os “conteúdos” e a maneira de dizer, a própria maneira do que se chama “discurso político” ou “política”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 73).

As novas formas de oralidade propostas pelas redes sociais, enquanto suporte para os muitos enunciados que veiculam, desestabilizam as noções de política e discurso político que pareciam sólidas até então. Noções como a quem é concedida voz, quem está autorizado ou não a realizar determinados discursos, quais os signos mandatórios para fundamentar enunciados, entre outras questões. Nenhum destes elementos abarcados pelo dispositivo comunicacional age ou pode ser compreendido sozinho, e tanto os contornos de ideologia quanto persuasão precisam perpassar os diversos elementos da comunicação para que se compreendam os sentidos. Como explicam Fígaro e Mauro (2018, p. 14): “O conceito de dispositivo dá peso e importância equivalentes a todos os elementos que compõem esse processo. Alterar um deles é alterar o dispositivo comunicacional”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que previu a Teoria da Informação que entendia que a comunicação é um fazer saber, ou seja, uma transmissão de conteúdo, a comunicação parece se assemelhar muito mais a um fazer crer (FÍGARO, 2010). Isso implica compreender que o discurso é uma forma de agir sobre o outro e nesse processo o suporte é especialmente importante, pois imprime seus aspectos no conteúdo (MAINGUENEAU, 2004), fato que se tornou mais evidente com as tecnologias audiovisuais e suas lógicas particulares. Ainda assim, Citelli (2001) destaca que esse agir sobre o outro do discurso não deve ser confundido com coerção e se assemelha muito mais à expressão de um desejo que intenta prescrever algum comportamento. Portanto, para existir persuasão, é necessário que haja a possibilidade de livre expressão, qualquer medida de censura no âmbito social que impeça a livre circulação das ideias age para dismantelar as capacidades persuasivas dos diferentes sujeitos e seus discursos.

Nesse sentido, é interessante observar que a comunicação é um terreno conflituoso e que a pluralidade dos sentidos que circulam é um sintoma democrático, enquanto não se busca extinguir determinados discursos, como parecem buscar os que atacam Paulo Freire,

como citado neste texto. Do mesmo modo, os discursos contra Freire ganharam um corpo repleto de desinformações e ataques sem fundamento, fenômeno que reverberou na prática profissional de vários professores para além das redes sociais digitais, revelando a importância de compreender as lógicas dos suportes comunicacionais para democratizar os debates, de grupos do Facebook a salas de aula. Exemplo disso foram as tentativas de intimidar educadores por todo país com a defesa, por parte do então Ministro da Educação Abraham Weintraub, de que alunos filmassem e postassem vídeos sobre seus professores, ao identificarem o que o ministro entende por “discurso ideológico”. O episódio chegou a tal ponto em que o presidente Jair Bolsonaro repostou o vídeo de uma aluna em seu Twitter, acusando a professora filmada. A ação intimidatória sobre os professores desse episódio demonstra que as tecnologias comunicacionais não são um acessório ao pensar o discurso (MAINGUENEAU, 2004), e que provocam transformações sociais nos modos de se comunicar e de apreender a realidade.

O pensamento de Maingueneau encontra uma ressonância especialmente importante na conversação das redes sociais digitais. Regida sob a lógica dos algoritmos, a interação nas redes tem sido objeto de pesquisas por, entre muitas outras questões, apresentar modos tão particulares de construir conversações, atualmente repletas de violências quando pensamos nas questões políticas no Brasil.

Sendo a comunicação o lugar de encontros e conflitos (FÍGARO, 2010), é necessário que ela possa se dar sem interdições no debate, como temos visto recentemente no Brasil, não somente pela atuação de censuras mas pela quebra de pactos que entendem o valor de toda vida humana e a democracia como terreno comum, a partir do qual todo diálogo é possível. Nesse sentido, é nítido perceber o quanto as problemáticas mais importantes na contemporaneidade perpassam entender atos de comunicação e a eficácia da persuasão. Esses fenômenos não podem ser entendidos partindo do pressuposto que tanto comunicação quanto linguagem devam ser sempre o espaço de encontros forçados e de um falso apaziguamento, censurando dissidências.

A linguagem é resultado e condição das sociabilidades vigentes e de como se organizam as forças sociais sobre sujeitos, sendo forjada para novos horizontes ao mesmo tempo e que é a base para construção desses novos caminhos. Essa construção do novo para a qual a linguagem sempre se propõe, bem como o processo de nomear a realidade, é resultado e produto dos mais profundos conflitos sociais. Por exemplo, a negação dos conflitos que atravessam a fala de Paulo Galo, é um projeto ideológico que desconhece

como a linguagem guarda em si a potência criadora para um outro mundo, com diferentes configurações sociais, nomeadas sempre em processo com o que já foi e com o que ainda há de ser, na esteira da História.

Nesse sentido, a linguagem é explicada por Ianni (2000, p.212) como “meio do qual se pronunciam o presente, o passado e o futuro”, sempre em posição dialética, pois a linguagem é formada e forma a cultura. Somente uma compreensão que não vê a cultura em constante processo dialético e que nega os muitos conflitos que atravessam os sujeitos e a História, entenderia que é aceitável censurar determinados discursos, muitas vezes por meio de ataques pessoais e vulgares, como foi aqui mencionado em relação ao educador Paulo Freire. Já a compreensão das tecnologias virtuais enquanto meios e condição dos discursos permite entender que não somente não é aceitável a censura como, em muitos casos, é inútil crer que ela será bem-sucedida. Afinal, ao compartilhar em uma rede social aquilo que se deseja censurar, é de se imaginar a expansão que esse discurso ganhará.

Conclui-se que se destaca novamente a importância do educador e dos processos educativos nos diferentes espaços, que podem atuar para promover o letramento digital necessário a uma leitura de mundo transformadora, inclusive de um mundo midiático. Desvelando como se organizam os processos de persuasão e ideologia nos discursos midiáticos, o educador tem a potência de não negar os conflitos e encontros que a linguagem propõe, mas de possibilitar criação de sentidos comuns que promovem o diálogo e a circulação de ideias. Retomando a posição de Freire, a comunicação é uma ação cultural para a liberdade, portanto, inseparável do processo educativo. O educador estabelece os processos de linguagem e comunicação como relações sociais que colocam os sujeitos em troca, ainda que atravessados por diferentes posicionamentos, o que constitui esse espaço como a base da democracia. Resulta destes processos educativos a capacidade bem executada por Paulo Galo em sua fala no vídeo aqui relatado, isto é, a capacidade de revelar a impossível neutralidade dos discursos produzidos para normalizar os efeitos das marginalizações sociais sobre os sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação: conhecimento e mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 7-14, abr. 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36953>>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação: interação emissão/ recepção. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 23, n.1. p. 7-15, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37011>>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

BORGES, R. O.; BORGES, Z. N. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100231&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 15. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

FIGARO, Roseli. Comunicação é o lugar de encontros e de conflitos, onde se constituem os discursos e os diferentes pontos de vista. **MATRIZES**, São Paulo, v.4, n. 1, p. 115-126, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38279>>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

FIGARO, Roseli. Paulo Freire, comunicação e democracia. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 7-15, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/96803>>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

FIGARO, Roseli. MAURO, R. O dispositivo comunicacional nas mídias digitais: um estudo sobre páginas e grupos do *Facebook*. **INTERIN**, Paraná, v. 23, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: <<https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/748/829>>. Acesso em: 6 Dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 4. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, M. O Legado de Paulo Freire. **Cultura Vozes**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 155-165, jul./ago. 1997.

GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire, uma biografia**. 1. ed. São Paulo: Ed. Cortez: 1996.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

OLIVEIRA, H.S.; MARIZ, D. Movimento Escola Sem Partido: uma leitura à luz de Paulo Freire. **UFSM Educação**, Rio Grande do Sul, v. 44. n.1. p. 1-19, fev. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/32996>>. Acesso em: 6 Dez. 2020.